

COMENTÁRIO AOS
SEGUNDOS ANALÍTICOS



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Coleção Fausto Castilho de Filosofia

Série Multilíngues

Comissão Editorial

Coordenadores

ALEXANDRE GUIMARÃES TADEU DE SOARES – OSVALDO GIACOIA JUNIOR

DANIEL GARBER – FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA

GIULIA BELGIOIOSO – MARCOS STEFANI

Tomás de Aquino

COMENTÁRIO AOS
SEGUNDOS ANALÍTICOS
Expositio libri *Posteriorum*

Edição em latim e português

Tradução e Nota prévia

Anselmo Tadeu Ferreira

Tradução do texto de Aristóteles

Anselmo Tadeu Ferreira

Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento

EDITORIA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

T599C Tomás, de Aquino, Santo, 1225?-1274.
Comentários aos *Segundos analíticos* / Tomás de Aquino; tradução: Anselmo Tadeu
Ferreira. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

Edição bilingue: latim e português.

1. Tomás, de Aquino, Santo, 1225?-1274. Segundos analíticos. 2. Aristóteles. 3. Filosofia. 4. Filosofia medieval. I. Ferreira, Anselmo Tadeu. II. Título.

CDD – 189
– 185
– 100
– 180

ISBN 978-65-86253-67-2

Título original: Expositio libri *Posteriorum*

Copyright da tradução © Fundação Fausto Castilho
Copyright © 2021 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br vendas@editora.unicamp.br

Dedico este trabalho à memória do professor Fausto Castilho, incentivador deste projeto e cuja lição “ler no original, mas se expressar em vernáculo” procuro incansavelmente seguir, e ao professor Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, mestre no sentido medieval do termo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu amigo, professor Alexandre Guimarães Tadeu de Soares, pelo empurrãozinho e pelas conversas.

Agradeço à Universidade Federal de Uberlândia pelo oferecimento das condições que me permitiram dedicar tantos anos a este trabalho, que agora se concretiza.

SUMÁRIO

Nota prévia	11
<i>Liber primus</i> / Livro primeiro.....	16
<i>Liber secundus</i> / Livro segundo.....	526

NOTA PRÉVIA

O texto cuja tradução ora apresentamos foi escrito por Tomás de Aquino entre os anos de 1272 e 1274, aparentemente com objetivos didáticos e muito provavelmente a pedido dos professores encarregados dos cursos de lógica da Faculdade de Artes de Paris. Trata-se de um comentário de tipo literal, isto é, uma explicação do texto linha por linha. O texto, no caso, é a obra *Segundos analíticos*, de Aristóteles. O método de exposição escolhido determina o seu caráter um tanto esquemático.

Sobre a razão que levou Tomás de Aquino a empreender projeto tão árduo e, aparentemente, tão distante de seu mister como teólogo, pode-se ter uma pista por uma carta que os mestres da Faculdade de Artes da Universidade de Paris, representados pelo seu reitor, escreveram no dia 2 de maio de 1274, e que deveria ser lida pelos frades dominicanos reunidos em Lião para seu capítulo geral, no dia 20 do mesmo mês.

Nessa carta, os mestres de artes manifestavam o seu grande pesar pela morte de Tomás de Aquino, frade dominicano e mestre de teologia em Paris, ocorrida em 7 de março daquele ano. Tomás de Aquino, que havia deixado aquela cidade em abril de 1272 e desde então ensinava na Itália, morrera a caminho do concílio de Lião, deixando incompleta a *Suma de teologia* e provavelmente alguns projetos a realizar.

Na referida carta, além de lamentar profundamente o falecimento do frei Tomás de Aquino, os mestres aproveitam a ocasião para solicitar o envio de algumas obras que ele estava escrevendo quando deixou Paris e que certamente terminara na Itália. Referem-se especificamente a obras relacionadas com a lógica, que ele começara a escrever a pedido dos próprios mestres, além de

outros livros que não eram de sua autoria, e que este lhes prometera enviar da Itália. A menção aos livros de lógica nessa carta refere-se, com muita probabilidade, aos comentários aos *Segundos analíticos* e ao *Peryermeneias*, de Aristóteles. Este último, de fato, permaneceu inconcluso, mas o primeiro foi concluído e, depois de uma longa tradição de cópias manuscritas e edições antigas, chegou até nós em sua edição crítica de 1989, a chamada edição leonina.^{*} Nossa tradução foi feita com base em tal edição, cujo texto latino é reproduzido ao lado do texto em português, seguindo a numeração de suas páginas.

A edição leonina de Expositio libri Posteriorum

A edição do texto latino do *Comentário aos Segundos analíticos* por Tomás de Aquino, elaborada pela Comissão Leonina^{**} sob a direção de René A. Gauthier, foi estabelecida a partir de 54 manuscritos, guardados em várias cidades da Europa (Assis, Bolonha, Barcelona, Cambridge, Florença, Veneza, Londres, Munique, Oxford, Paris, Vaticano e outras), contendo o texto completo ou quase completo, além de alguns fragmentos.

As edições impressas geralmente são acompanhadas do texto do *Comentário ao Peryermeneias* e são em número de 30, desde a primeira, de Veneza, 1477, até a edição de Turim, 1964 (Marietti), passando pela primeira edição leonina, de 1889. Na atual edição leonina, a que utilizamos, os dois textos estão divididos em dois tomos. O texto aristotélico comentado acha-se reproduzido no início de cada seção; trata-se, esclareça-se, da versão latina do texto, traduzida por Tiago de Veneza (até I, 26), revista por Guilherme de Moerbeke (a partir de I, 27).

Parece que os frades atenderam ao pedido dos mestres de artes de Paris, pois, pelo menos no que se refere ao *Comentário aos Segundos analíticos*, o manuscrito de Tomás de Aquino serviu de base para a confecção de um

* Tomás de Aquino, *Opera omnia iussu Leonis XIII P.M. edita*, vol. I, tomo II: *Expositio libri Posteriorum*, Roma/Paris, Commissio Leonina/Librairie Philosophique J. Vrin, 1989, nova edição reformulada sob cuidado e estudo dos Frades Pregadores.

** Sobre a Comissão e a edição leonina das obras de Tomás de Aquino, cf. *Revue des Sciences Philosophiques et Theologiques*, 89, fasc.1, 2005, pp. 1-140, publicação dedicada ao assunto.

exemplar parisiense.”^{***} Muitos manuscritos têm a indicação das 17 peças do exemplar, o que certifica também que este esteve realmente em uso e que foi a base única da qual deriva toda a tradição manuscrita. A partir de um trabalho de comparação, pode-se então estabelecer os que se assemelham mais diretamente ao exemplar e assegurar-se de que um determinado manuscrito é uma cópia mais ou menos imediata dele. Dez manuscritos trazem assinaladas todas as peças do exemplar. Os detalhes dessa história são apresentados por Gauthier no Prefácio à edição leonina, às páginas 14*-41*.

Indicamos, em nossa tradução, o trecho que está sendo comentado conforme a numeração da edição canônica de Immanuel Bekker,^{****} no início de cada capítulo e nas divisões internas. Nossa intenção é ajudar o leitor a localizar com exatidão o texto aristotélico e, eventualmente, avaliar a interpretação tomista do texto por si mesmo. No final desta nota, há uma tabela com as correspondências entre as divisões do texto aristotélico e as divisões do comentário.

A tradução do texto latino dos *Segundos analíticos* de Aristóteles, quer por sua dificuldade intrínseca (justamente o fator motivador do comentário de Tomás de Aquino) quer pelo método de tradução seguido pelos medievais (uma tradução palavra por palavra, o que torna o texto um tanto truncado), era algo que excedia a minha capacidade na época em que eu traduzia o comentário de Tomás de Aquino, e não teria sido possível realizá-la, posteriormente, sem a participação do professor Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, que reviu comigo o texto inteiro em reuniões semanais, das quais resultava, por via de regra, um texto totalmente remodelado em comparação com a tradução inicial.

O cuidado em produzir um texto não interpretativo levou-nos a optar por uma tradução mais literal do que literária, mais apropriada ao estudo das obras do que a uma informação para não iniciados. Pensamos, assim, manter-nos dentro do escopo do propósito da coleção. Um esclarecimento, no entanto, faz-se necessário. Trata-se da insistência no uso de “por que” (separado

^{***} O exemplar é uma cópia profissional de um manuscrito original que obedece a certas regras de padronização; por exemplo, a organização do texto em peças, procedimento que também tornava mais rápido o processo de cópia do texto, pois permitia que vários copistas trabalhassem ao mesmo tempo, além de garantir cópias mais próximas do original. A existência desse exemplar é atestada por uma lista de taxação de 25 de fevereiro de 1304, que menciona, entre as obras de Tomás de Aquino, o referido exemplar de *Comentário aos Segundos analíticos* em 17 peças.

^{****} *Aristotelis opera, ex recensione Immanuelis Bekkeri; edidit Academia Regia Borussica*, Berlin, Walter de Gruyter, 1961-1987.

e sem acento), em que a gramática talvez recomendasse usar “porque” ou mesmo “porquê”. É a tradução da expressão “*propter quid*”, que tem um sentido técnico bem preciso, caracteriza o silogismo científico ou demonstrativo como o silogismo que explica pela causa própria. O silogismo “*propter quid*” difere do silogismo “*quia*”, que é uma explicação baseada no efeito, e não na causa. Em nossa tradução, essa oposição é traduzida na oposição do silogismo do “por que” ao silogismo do “que”.

Não temos conhecimento de outra tradução em português do *Comentário aos Segundos analíticos*, pelo menos quanto ao texto completo, pois algumas passagens importantes foram traduzidas anteriormente por estudiosos e expositores da obra tomasiana. Para realizar o trabalho, consultamos as duas traduções existentes em línguas modernas, a de Richard Berquist para o inglês^{*****} e a de Anna Mallea e Marta Daneri-Rebok para o espanhol.^{*****}

TABELA COMPARATIVA ENTRE AS DIVISÕES DO
TEXTO TOMISTA E DO ARISTOTÉLICO

Capítulo <i>Expositio</i>	Trecho Edição Bekker	Capítulo <i>Segundos analíticos</i>	Capítulo <i>Expositio</i>	Trecho Edição Bekker	Capítulo <i>Segundos analíticos</i>
Livro primeiro			I, 33	82b 35-83a 35	22
I, 1	71a 1-71a 11	1	I, 34	83a 36-84a 7	22
I, 2	71a 11-71a 24	1	I, 35	84a 8-84b 2	22
I, 3	71a 24-71b 8	1	I, 36	84b 3-85a 12	23
I, 4	71b 9-72a 5	2	I, 37	85a 13-85b 22	24
I, 5	72a 7-72a 24	2	I, 38	85b 23-86a 31	24
I, 6	72a 25-72b 4	2	I, 39	86a 32-86b 37	25
I, 7	72b 5-72b 25	3	I, 40	87a 1-87a 30	26
I, 8	72b 25-73a 20	3	I, 41	87a 31-87b 18	27-28-29
I, 9	73a 21-73a 34	4	I, 42	87b 19-88a 17	30-31
I, 10	73a 34-73b 25	4	I, 43	88a 18-88b 29	32
I, 11	73b 26-74a 3	4	I, 44	88b 30-89b 20	33-34

^{*****} Thomas Aquinas, *A commentary on Aristotle's Posterior analytics*, trad. e com. Richard Berquist, Prefácio de Ralph McInerny, Notre Dame (Indiana), Dumb Ox Books, 2007.

^{*****} Tomás de Aquino, *Comentario de los Analíticos posteriores de Aristoteles*, trad. e notas Anna Mallea e Marta Daneri-Rebok, Pamplona, Eunsa, 2002.

COMENTÁRIOS AOS *SEGUNDOS ANALÍTICOS*

I, 12	74a 4-74b 4	5	Livro segundo		
I, 13	74b 5-75a 17	6	II, 1	89b 23-90a 35	1-2
I, 14	75a 18-75a 37	6	II, 2	90a 36-91a 12	3
I, 15	75a 38-75b 20	7	II, 3	91a 12-91b 11	4
I, 16	75b 21-75b 36	8	II, 4	91b 12-92a 5	5
I, 17	75b 37-76a 25	9	II, 5	92a 6-92b 3	6-7
I, 18	76a 26-76b 22	9-10	II, 6	92b 4-92b 38	7
I, 19	76b 23-77a 9	10-11	II, 7	93a 1-93b 20	8-9
I, 20	77a 10-77a 35	11	II, 8	93b 21-94a 19	10
I, 21	77a 36-77b 15	12	II, 9	94a 20-95a 9	11
I, 22	77b 16-78a 21	12	II, 10	95a 10-95b 1	12
I, 23	78a 22-78b 13	13	II, 11	95b 1-95b 37	12
I, 24	78b 13-78b 34	13	II, 12	95b 38-96a 21	12
I, 25	78b 34-79a 16	13	II, 13	96a 22-96b 14	13
I, 26	79a 17-79b 22	14-15	II, 14	96b 15-97a 6	13
I, 27	79b 23-80a 8	16	II, 15	97a 6-97b 6	13
I, 28	80a 8-80b 16	16	II, 16	97b 7-97b 39	13
I, 29	80b 17-81a 37	17	II, 17	98a 1-98a 34	14-15
I, 30	81a 38-81b 9	18	II, 18	98a 35-98b 38	16
I, 31	81b 10-82a 20	19	II, 19	99a 1-99b 16	17-18
I, 32	82a 21-82b 35	20-21	II, 20	99b 17-100b 17	19

LIBER PRIMUS

LIVRO PRIMEIRO

Omnis doctrina et omnis disciplina intellectiua ex preexistenti | fit cognitione. Manifestum est autem hoc speculantibus in | omnes.

Mathematice enim scienciarum per hunc | modum fiunt et aliarum unaqueque artium.

Similiter autem et circa orationes que per sillogismos et | que per inductionem; utreque enim per prius nota faciunt | doctrinam, hee quidem accipientes tanquam a notis, | ille uero demonstrantes uniuersale per id quod manifestum est singulare.

Similiter autem et rethorice persuadent; aut enim ¹⁰per exempla, quod est inductio, aut per entimema, ¹ quod uere est sillogismus.



PROLOGUS

Sicut dicit Aristotiles in principio Methaphisice, hominum genus arte et rationibus uiuit. In quo uidetur Philosophus tangere quoddam hominis proprium quo a ceteris animalibus differt: alia enim animalia quodam naturali instinctu ad suos actus aguntur, homo autem rationis iudicio in suis actionibus dirigitur; et inde est quod ad actus humanos faciliter et ordinate perficiendos diuerse artes deseruiunt: nichil enim aliud ars esse uidetur quam certa ordinatio rationis, quomodo per determinata media ad debitum finem actus humani perueniatur.

Ratio autem non solum dirigere potest inferiorum partium actus, set etiam actus sui directiua est: hoc enim est proprium intellectiue partis ut in se ipsam reflectatur, nam intellectus intelligit se ipsum et similiter ratio de suo actu ratiocinari potest.

Si igitur ex hoc quod ratio de actu manus ratiocinatur adiuuenta est ars edificatiua uel fabrilis per quas homo faciliter et ordinate

I, 1

(TEXTO DE ARISTÓTELES: 71a1 - 71a11)

Todo ensinamento e todo aprendizado intelectual se dá a partir de conhecimento preexistente. Ora, isto é manifesto em todos para os que consideram.

Com efeito, dentre as ciências, as matemáticas se dão desse modo assim como qualquer uma dentre as outras artes.

Semelhantemente também ocorre com os argumentos, tanto os que se dão por silogismo quanto os que se dão por indução; em ambos, com efeito, se dá um ensinamento pelo que é conhecido previamente, aqueles assumindo-os como que a partir do que é conhecido, estes, porém, demonstrando o universal por aquilo que é manifesto no singular.

Semelhantemente, também, persuadem os enunciados retóricos: com efeito, ou o fazem através de exemplos, o que é indução, ou através de entimemas, que é, na verdade, silogismo.



PRÓLOGO

Como diz Aristóteles no princípio da *Metafísica*, o gênero dos homens vive pela arte e pelo raciocínio. Nisso, o Filósofo parece tocar numa propriedade do ser humano pela qual ele se diferencia dos outros animais: com efeito, os outros animais agem por certo instinto natural em seus atos, mas o ser humano é dirigido, em suas ações, pelo juízo da razão, e é a partir disso que foram inventadas as diversas artes, a fim de que os atos humanos se realizassem de modo fácil e ordenado; a arte nada mais parece ser do que certo ordenamento da razão, de modo que os atos humanos atinjam seus devidos fins por meios determinados.

Ora, parece que a razão é capaz de dirigir não somente o ato das partes inferiores, mas também é diretiva com relação aos seus próprios atos: com efeito, é próprio da parte intelectual que reflita sobre si mesma; com efeito, o intelecto intelige a si mesmo, e, do mesmo modo, a razão pode raciocinar sobre seu ato.

Portanto, se a razão, raciocinando sobre os atos da mão, inventou a arte edificativa ou fabril, por meio da qual o ser humano pode exercer de modo

huiusmodi actus exercere potest, eadem ratione ars quedam necessaria est que sit directiua ipsius actus rationis, per quam scilicet homo in ipso actu rationis ordinate, faciliter et sine errore procedat; et hec ars est logica, id est rationalis, sciencia. Que non solum rationalis est ex hoc quod est secundum rationem, quod est omnibus artibus commune, set ex hoc quod est circa ipsum actum rationis sicut circa propriam materiam; et ideo uidetur esse ars artium, quia in actu rationis nos dirigit, a quo omnes artes procedunt.

Oportet igitur logice partes accipere secundum diuersitatem actuum rationis. Sunt autem rationis tres actus. Quorum primi duo sunt rationis secundum quod est intellectus quidam: una enim actio intellectus est intelligencia indiuisibilium, siue incomplexorum, secundum quam concipit quid est res, et hec operatio a quibusdam dicitur informatio intellectus siue ymaginatio per intellectum; et ad hanc operationem rationis ordinatur doctrina quam tradit Aristotiles in libro Predicamentorum; secunda uero operatio intellectus est compositio uel diuisio intellectuum, in qua est iam uerum et falsum; et huic rationis actui deseruit doctrina quam tradit Aristotiles in libro Peryrmenias. Tercius uero actus rationis est secundum id quod est proprium rationis, scilicet discurrere ab uno in aliud, ut per id quod est notum deueniat in cognitionem ignoti; et huic actui deseruiunt reliqui libri logice.

Attendendum est autem quod actus rationis similes sunt quantum ad aliquid actibus nature; unde et ars imitatur naturam in quantum potest. In actibus autem nature inuenitur triplex diuersitas: in quibusdam enim natura ex necessitate agit, ita quod non potest deficere; in quibusdam uero natura ut frequentius operatur, licet quandoque et possit deficere a proprio actu, unde in hiis necesse est esse duplicem actum: unum qui sit ut in pluribus, sicut cum ex semine generatur animal perfectum, alium uero quando natura deficit ab eo quod est sibi conueniens, sicut cum ex semine generatur aliquod monstrum, propter corruptionem alicuius principii. Et hec etiam tria inueniuntur in actibus rationis: est enim aliquis rationis processus necessitatem inducens, in quo non est possibile esse ueritatis defectum, et per huiusmodi rationis processum sciencie certitudo acquiritur; est autem alius rationis processus in quo ut in pluribus uerum concluditur, non tamen necessitatem habens; tercius uero rationis processus est